



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato:

VANESSA DUARTE RAMOS

Matrícula: **31033088**

Título do Trabalho:

O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

Orientador: **Me. Neide Marinho**

Categoria: **Monográfica**

Data da Apresentação: **03.12.2014**

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente) **Me. Neide Marinho**

2º Membro: **Dr. Wallace de Deus Barbosa**

3º Membro: **Me. Luiz Carlos Mendonça**

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

Proposta de fomento das Artes no espaço escolar, ampliando as perspectivas de atuação do Produtor Cultural. Respeitável lembrança do Projeto CIEP de Darcy Ribeiro que por seus estudos encontrou um desfecho lamentável. Proposta projetual com possibilidade de realização. Parabéns pelo trabalho.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10,0 (Dez)

ASSINATURAS

Luiz Carlos Mendonça
1º Membro (Presidente)

pl Neide Marinho

Wallace de Deus Barbosa
2º Membro

Neide Marinho
3º Membro

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R175 Ramos, Vanessa Duarte.

O produtor cultural nas escolas / Vanessa Duarte Ramos. – 2014.

49 f.

Orientadora: Neide Aparecida Marinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)
– Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação
Social, 2014.

Bibliografia: f. 47-48.

1. Educação. 2. Cultura. 3. Produção cultural. I. Marinho, Neide
Aparecida. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD 370.1

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL – IACS
DEPARTAMENTO DE ARTES – GAT
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

MONOGRAFIA

Vanessa Duarte Ramos

O Produtor Cultural nas Escolas

**Professora Orientadora: Neide Aparecida
Marinho**

**NITERÓI
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTES

Vanessa Duarte Ramos

O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel. Área de concentração: Produção Cultural.

Orientadora:
Neide Aparecida Marinho

RAMOS, Vanessa Duarte

O Produtor Cultural nas Escolas. / Vanessa Duarte Ramos – Niterói:
UFF, 2014

49 f.

Monografia (Graduação em Produção Cultural) – Universidade
Federal Fluminense, 2014.

Orientadora: Neide Aparecida Marinho

Bibliografia: f. 47

O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

Vanessa Duarte Ramos

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel. Área de concentração: Produção Cultural.

Examinada por:

Prof.^a Neide Aparecida Marinho
Universidade Federal Fluminense

Prof. Wallace de Deus
Universidade Federal Fluminense

Prof. Luiz Mendonça
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI, RJ – BRASIL

DEZEMBRO 2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter-me capacitado e proporcionado esta grande oportunidade.

Aos meus pais, irmãs, familiares e aos grandes e mais chegados amigos, por acreditarem no meu sucesso e me apoiarem nesta caminhada.

À minha orientadora, por me ajudar e orientar neste trabalho.

A todos os professores, educadores, colegas de curso, que colaboraram com boa vontade para a pesquisa deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e irmãs.

A todos os profissionais da Educação, Animadores Culturais e Produtores Culturais, que lutam e sonham em unir a cultura e educação, com fé em um ensino melhor.

RESUMO

O espaço escolar é um grande formador para o princípio do pensamento intelectual de um indivíduo. É na escola que se iniciam as práticas de relacionamentos e convivência, aprendizado e diversidade sociocultural, que já começam desde cedo, na infância. É preciso métodos consistentes de ensino para se formar um futuro cidadão de uma sociedade. Algumas escolas adotam métodos diferenciados de ensino para qualificar e enriquecer o aprendizado dos alunos. Cada sociedade, cada povo possui sua própria cultura, e é nela que estão as características de vida e de comportamento de um determinado grupo, ou povo. Escolas adotaram práticas e ações culturais para auxiliarem no desenvolvimento da educação. Determinados professores e educadores assumem o papel de desenvolver atividades de cunho artístico e cultural para os alunos, de maneira que venha a contribuir para promover o pensamento criativo e crítico de formas abrangentes que não se limitam apenas às salas de aula. Com base nesta perspectiva, e mediante a problemas e dificuldades que educadores e professores encontram, o presente trabalho procura analisar e justificar a importância de um profissional com formação cultural, o Produtor Cultural, que estaria capacitado e apto para desenvolver e elaborar projetos e atividades culturais para a instituição escolar.

Palavras-chave: educação, cultura, práticas culturais, produtor cultural.

ABSTRACT

The school is a great trainer for the principle of intellectual thought of an individual. It is at school that starts the practices of relationships and interaction, learning and diversity about social and cultural issues, which already begin early in childhood. It takes consistent teaching methods to form a future citizen of a society. Many schools adopt diversified teaching methods to qualify and enrich student learning. Every society, every nation has its own culture, and that is where are the characteristics of life and behavior of a particular group or people. Schools have adopted various cultural practices and actions to assist in the development of education. Many teachers and educators take on the role of developing artistic and cultural nature activities for students, so that will help foster creative and critical thinking comprehensive ways that are not limited to the classroom. Based on this perspective, and through some problems and difficulties that educators and teachers are, this paper seeks to analyze and justify the importance of a professional with cultural training, Cultural Producer, where he would be trained and able to develop and prepare projects and cultural activities at the school institution.

Keywords: education, culture, cultural practices, cultural producer.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. CULTURA, EDUCAÇÃO E ANIMAÇÃO CULTURAL..... | 12 |
| 2.1 A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE APOIO PARA A EDUCAÇÃO..... | 14 |
| 2.2 O SISTEMA EDUCACIONAL/CULTURAL NOS CENTROS INTEGRADOS DE ENSINO PÚBLICO (CIEPs)..... | 15 |
| 2.3 ANIMADORES CULTURAIS | 20 |
| 3. EDUCADORES E AÇÕES CULTURAIS..... | 27 |
| 3.1 IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS E AÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO ESCOLAR | 29 |
| 3.2 DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS CULTURAIS POR PROFESSORES..... | 33 |
| 3.3 LIMITAÇÕES E DIFICULDADES DOS EDUCADORES..... | 35 |
| 4. O PRODUTOR CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR..... | 38 |
| 4.1 IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DO PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS | 39 |
| 4.2 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DO PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS..... | 42 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 45 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 47 |
| 7. APÊNDICE..... | 49 |

1. INTRODUÇÃO

Costumes, crenças, tradições, arte e comportamento são alguns dos elementos que compõem um conjunto de ações e características que conhecemos por Cultura. Uma determinada sociedade pode ser reconhecida e caracterizada por sua própria cultura, e, conseqüentemente, cada indivíduo pertencente a ela adquire essas características ao longo do seu desenvolvimento de vida. A cultura está presente diariamente na vida do ser humano, pois é ela quem define e caracteriza uma série de atitudes e comportamentos em nosso cotidiano social.

O espaço escolar é reconhecido como um ambiente promovedor inicial do aprendizado social. Além do conteúdo intelectual ensinado, a escola é responsável pela interação e socialização dos alunos, que conviverão com diferentes tipos de pessoas, com diferentes costumes e características. Por isso, ele se torna um grande aliado para as relações socioculturais. Promover um convívio sadio em meio à diversidade cultural em um espaço coletivo como a escola, é proporcionar uma boa base para a formação de um futuro cidadão, comprometido e entendedor de questões sociais com as quais lidamos todos os dias. Diante disso, o incentivo e o desenvolvimento de atividades e práticas culturais nas escolas tornam-se aliados tanto do convívio social quanto para o próprio ensino em geral. Além de estimular e auxiliar a capacidade criativa do aluno, a interação cultural no ambiente escolar dinamiza e enriquece as metodologias padrões de ensino que já conhecemos. Para isto, foi realizada neste trabalho uma análise da proposta cultural no ensino dos Centros Integrados de Ensino Público (CIEP), iniciado na década de 80, com a criação dos profissionais responsáveis por essa ideia, e direcionados a ela: os Animadores Culturais.

Determinados professores já se comprometem a trabalhar com mais esta possibilidade de auxílio para o ensino. Buscam diversificar seus métodos de lecionar, promovem atividades artísticas e culturais, atividades extras e também externas com os alunos. Porém, devido a fatores e problemas como o ritmo corrido de trabalho dos professores, a falta de verba, apoio e estrutura, entre tantos outros, não é possível a necessária dedicação e preparação para esta proposta cultural, fato confirmado com base em entrevistas e pesquisas que foram realizadas para este Trabalho.

Mediante a tantas dificuldades, o objetivo deste trabalho é apresentar uma nova possibilidade para o espaço escolar, estudando o perfil do Produtor Cultural e justificando a

importância deste profissional para elaborar e desenvolver esta proposta de atividades culturais nas escolas. A partir de pesquisas e entrevistas com educadores, Produtores Culturais e também alunos do Curso de Produção Cultural, elaboraram-se argumentos positivos e consistentes para o apoio desta proposta, que pretende ser um suporte para o ensino, reforçando a qualidade dele, abrindo novas possibilidades para os educadores e proporcionando amplas visões e experiências para os alunos e todo o contexto escolar.

2. CULTURA, EDUCAÇÃO E ANIMAÇÃO CULTURAL

Pode-se dizer que a cultura determina o comportamento diferenciado dos indivíduos. É um conjunto composto por costumes, crenças, conhecimentos, arte, leis, condutas e todos os hábitos que o homem pode adquirir, passando de geração em geração, inserido em uma determinada sociedade. O conceito de cultura facilita a compreensão sobre valores morais e éticos que guiam a vida na sociedade. Para o antropólogo Roque de Barros Laraia, a atuação da cultura, juntamente com a do homem, está ligada ao processo de endoculturação, em que o comportamento de um indivíduo pode ser atribuído ao seu aprendizado. À medida que uma pessoa cresce e se desenvolve, ela agirá cada vez mais do modo como foi lhe ensinado. Entende-se, então, que o indivíduo é fruto do meio em que vive, adquire características baseadas em todo um conjunto de comportamentos e hábitos. São justamente estas diferenças, junto das fisiológicas e biológicas, que nos diferenciam um do outro. Não significa que, necessariamente, todos se desenvolverão de maneira igual ou semelhante. A cultura age seletivamente, e não casualmente. Segundo Laraia (LARAIA, 2001, 2º capítulo), em ambientes iguais, pode haver culturas diversificadas, em seu estudo sobre a antropologia da cultura. Um processo natural de identificação com o outro, atração pelo que é familiar à sua natureza. Ao observar os costumes de outra civilização, o historiador grego Heródoto (484 – 424 a.C.) conclui que o ser humano sempre toma como referência a sua própria cultura, sua própria sociedade quando analisa uma outra.

A origem da cultura sempre foi algo de interesse entre os estudiosos; afinal, como esse conceito foi criado e como ele surgiu são perguntas importantes para que se possa compreender mais sobre o tema, pois a origem muito diz sobre o assunto. Inicialmente o termo cultura era utilizado apenas para se referir ao cultivo da terra, que chamamos de agricultura. Depois passou a se referir ao cuidado de crianças, tendo como principal objetivo desenvolver suas qualidades, passando mais tarde a designar também o culto aos deuses (ZANELLI, 2004, p. 406).

Com o passar do tempo, o interesse e a necessidade de se entender e de compreender o comportamento dos povos passou a dar novo sentido ao nome cultura (ZANELLI, 2004, p. 406).

Schein (2009) nos mostra que, em qualquer grupo no qual estivermos inseridos, estamos em contato com algum tipo de cultura, pois quando há regras, condutas, sentimentos

compartilhados e reproduzidos, podemos dizer que há ali uma cultura, mesmo que de pequenas proporções. Assim, durante todo o nosso dia, estamos em contato com diversos tipos de culturas e significações. Para ele a cultura está presente em todos os grupos e

“...é um fenômeno dinâmico que nos cerca em todas as horas, sendo constantemente desempenhada e criada por novas interações com os outros e moldadas por comportamentos de liderança, e um conjunto de estruturas, rotinas, regras e normas que orientam e restringem o comportamento.” (SCHEIN, 2009, p. 2).

A cultura também é comparada com o caráter, por Schein, desenvolvendo o pensamento de que, assim como nosso caráter é responsável por todas as nossas atitudes e comportamentos, a cultura guia desta mesma forma uma sociedade e os indivíduos nela presentes (SCHEIN, 2008, p.8). O caráter define e caracteriza uma pessoa; é a identidade pessoal de cada um, é um conceito bastante valorizado para o ser humano, pois é assim que somos definidos. Com a mesma importância, se dá o conceito da cultura; é através dela que se pode compreender e entender a história de um povo, de uma sociedade, e reconhecer quem a habita.

Está longe de nosso alcance de tentar definir exatamente o conceito sobre cultura, pois desde sempre ela está em constante crescimento e evolução. Não se trata de uma questão singular e única, pois, à medida que um povo se expande, gerando mudanças significativas, sua cultura também passa pelo mesmo processo, que é um ciclo contínuo para qualquer sociedade. A cultura é particular, inicialmente de cada um, inserido em um contexto social, histórico ou religioso; possui suas singularidades e características, porém não se fecha para a possibilidade de uma pluralidade e mistura cultural. Seria impossível não haver uma troca cultural e influências no Mundo que cada vez mais cresce e se desenvolve por uma globalização acelerada.

2.1 A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE APOIO PARA A EDUCAÇÃO

Segundo Teixeira Coelho (2001, pág. 29), ação cultural e ação educativa, em seus conceitos e ações, são distintos um do outro, porém ambos não se contrariam. Uma ação cultural pode estar dentro de uma ação educativa, seja em uma metodologia, seja em estratégia para complementar e apoiar o ato educacional. Não há oposição entre educação e cultura; uma precisa estar a favor da outra. Se a cultura de um indivíduo depende da cultura de um determinado grupo, e a cultura desse grupo depende da cultura da sua sociedade (T. S. Eliot, 1998, pág.33), o espaço escolar, onde se encontra inicialmente a formação e o desenvolvimento dos indivíduos de uma sociedade, precisa ser o principal mediador e colaborador de uma base sociocultural fortalecida, para que os seus futuros cidadãos tenham uma melhor e mais ampla conscientização e compreensão das relações de sua própria sociedade e história. A cultura de cada povo, de cada grupo é composta por suas particularidades, por conjuntos de elementos comportamentais, manifestações e práticas que caracterizam e definem seus indivíduos e suas histórias.

Para um modelo de pedagogia onde se possa alcançar uma emancipação e fruição da criatividade e desenvolvimento do aprendizado, ela precisa estar em contato e trabalhando com ciências sensíveis, que possam contribuir para outras formas de conhecimento, como, por exemplo, a arte, que é um movimento cultural, e outras manifestações simbólicas e criativas. Para Paulo Freire (FREIRE, 1996, pág. 36), todo processo educativo exige uma formação ética rigorosa, sempre ao lado da estética. Uma preocupação voltada para a beleza do ato educativo, não somente uma beleza estética, mas conceitual, em que possa alcançar maiores relações com educadores e alunos, baseada na interação e respeito com a diversidade cultural de cada um (PADILHA, 2004, págs. 3 e 4).

Um espaço educacional onde as relações socioculturais entre alunos, educadores e funcionários se dão de maneira interativa, consciente e participativa, proporciona ricos benefícios, não somente para a educação intelectual, mas também para o convívio e crescimento coletivo social dos alunos, que fazem parte também do ato educacional. Ter um crescimento com uma base educacional interativa, com práticas e questões culturais, não só fortalece o aluno em sua própria identidade cultural, mas também de sua sociedade, assim como amplia a cidadania, a compreensão e a facilidade nas relações com o próximo, com a cultura do outro, com um olhar mais abrangente para o mundo.

2.2 O SISTEMA EDUCACIONAL/CULTURAL NOS CENTROS INTEGRADOS DE ENSINO PÚBLICO (CIEPS)

Dentro da história brasileira, a importância de uma educação fortalecida com uma base cultural começa a ganhar destaque por volta da década de 80 e início dos anos 90, especificamente no Estado do Rio de Janeiro, com o primeiro Governo de Leonel Brizola, membro do Partido Democrático Trabalhista (PDT), juntamente com seu vice-governador, o escritor e antropólogo Darcy Ribeiro. Juntos, com uma visão amplamente inovadora e fortalecida para a educação, inspirados pelo modelo e pela concepção da Escola Parque¹, na década de 50, projeto do educador e escritor Anísio Teixeira, criaram os Centros Integrados de Ensino Público (CIEP), um modelo grandioso de ensino, com a estrutura desenhada pelo grande e renomado arquiteto Oscar Niemeyer. Um projeto democrático de escolas onde os alunos, principalmente os de família de baixa renda, teriam a oportunidade de estudar por tempo integral, recebendo uma estrutura e assistência completas para a educação, que incluía assistência social, médica, alimentação, recursos tecnológicos como computadores, televisões e aparelhos multimídias, esportes, recreação e atividades culturais/artísticas. Uma tentativa talvez utópica para oferecer uma educação igualmente social para todos.

“O CIEP inaugura uma nova etapa na história da educação de base em nosso país: aquela em que os direitos das crianças começam a ser efetivamente respeitados, mediante a oferta de um programa educacional integrado, capaz de realmente mobilizar para aprendizagem o potencial dos alunos. Em contraste com as escolas superlotadas, o CIEP é uma verdadeira escola-casa, que proporciona a seus alunos múltiplas atividades, complementando o trabalho nas salas de aula com recreações, esportes e atividades culturais. Como uma escola essas características é fato de implantação recente, é preciso estabelecer um processo de formação coletiva de todas as pessoas envolvidas no processo (alunos, professores, diretores, funcionários e a própria comunidade) para que percebam as perspectivas mais amplas da nova proposta educacional.” (www.pdt.org.br, 2010).

¹ A Escola Parque, ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro, foi um modelo de instituição escolar de ensino público pensado pelo baiano escritor, intelectual e educador Anísio Teixeira. Inaugurada em 1950, a Escola era voltada para a população mais carente. O ensino se dava por parte integral e contava com oficinas e cursos em áreas como carpintaria, marcenaria, artes e corte e costura. O projeto não foi continuado devido a questões políticas na mudança do Governo posterior.

Inicialmente, foram construídas 60 unidades dos CIEPs, com uma previsão de 500 “Brizolões” (popularmente chamados) ao total em todo o estado do Rio de Janeiro. O projeto oferecia a oportunidade para que 5000 alunos estudassem com as opções de turnos diurnos (8h às 17h) e turnos noturnos, das 18h até 22h. Idealizado para receber todos os tipos de alunos, principalmente aqueles de baixa renda, o sistema integral de ensino seria uma possível solução para atender as necessidades tanto educacionais quanto de sobrevivência. Para as crianças sem plano médico, o CIEP ofereceria assistência médica e dentária; para aqueles que não tinham uma alimentação correta devido às condições financeiras, haveria refeições ao longo do dia na Escola (www.pdt.org.br, 2010). Com a educação fortalecida com a assistência de professores especializados e qualificados, a oportunidade de poder praticar esportes e atividades de lazer. Assim combatendo a desigualdade social na educação do País, onde só os favorecidos financeiramente possuem condições de educação bem estruturada e qualificada. Uma das bases fundamentais da visão de educação nos CIEPs é manter viva a relação das práticas culturais já existentes nas comunidades e em seu entorno, dialogando com a educação e mantendo uma interatividade para proporcionar uma troca de relações culturais entre a escola e a comunidade.

“... Neste processo de estreitamento de laços entre a escola e sua comunidade, as atividades de animação cultural passam a ter especial importância. Além de contribuir para a aprendizagem global dos alunos, pela valorização do trabalho criativo no espaço escolar, as atividades culturais possibilitam um reencontro com o próprio prazer de aprender. No dia-a-dia dos CIEPs, a educação não pode mais ser dissociada das manifestações culturais e artísticas, sobretudo daqueles que já se desenvolvem no interior da própria comunidade. Afinal, elas são a ponte viva que leva a comunidade para dentro da escola - e vice-versa.” (www.pdt.org.br, 2010)

Correspondendo ao conjunto de disciplinas que compõem a ementa escolar, a Arte/Educação, ou Educação Artística, também se faz presente no sistema de ensino dos CIEPs, com uma proposta ampliadora não somente para movimentos e atividades artísticas, de acordo com a Proposta e Disciplinas (www.pdt.org.br, 2010):

A arte-educação mobiliza o potencial criador do homem e da comunidade. Além de estimular o conhecimento, agencia o resgate da memória cultural. Vista como um processo global, a arte-educação é também ação transformadora na sociedade, através da criação, da reflexão e da crítica.

Partindo de tais premissas básicas, os objetivos da Educação Artística reiteram também que a linguagem verbal, por si só, não esgota o mundo da intuição, da emoção e do conhecimento do homem: a educação estética é instrumento fundamental no processo educativo porque favorece a relação inteligente e criativa entre o aluno e seu ambiente físico e social. Em todos os momentos, a educação artística é vista como um sistema de aprendizagem natural, em todos os períodos do desenvolvimento humano.

Como diretrizes do trabalho de Educação Artística no ensino do 1º Grau, a serem adotadas pelos professores, foram estabelecidas: a compreensão das finalidades da educação, a percepção da arte como expressão da ação coletiva dos homens sobre o mundo (a dinâmica cultura/arte) e a compreensão da função da arte na educação. Também se considera indispensável a preparação do professor no domínio das linguagens que ele vai utilizar, o conhecimento do processo de desenvolvimento das crianças e das necessidades particulares de cada estágio e de cada série do 1º Grau.

O primeiro - item compreensão dos fins da educação - consta do plano geral dos CIEPs. Os demais são específicos das linguagens das artes visuais, da música e do teatro, usualmente trabalhadas em nossas escolas e para as quais a formação dos professores deve habilitá-los.

Inaugurando a possibilidade do trabalho com arte nas primeiras séries, proporcionando horários para treinamento e reciclagem dos professores em serviço, os CIEPs motivaram a formulação de uma proposta pedagógica que compreende duas vertentes:

- Arte/Cultura - conceito antropológico de cultura. Arte como necessidade vital, como mediação simbólica do homem com o mundo, participante da construção da vida social.
- Arte/Educação - bases estéticas, expressão e conhecimento. Fundamentos psicológicos, englobando processos de criação, percepção e desenvolvimento mental das crianças.

Estes tópicos são trabalhados com os professores não apenas teoricamente, mas como conclusivos de trabalhos práticos, discussão, debates, fazendo da experiência e do universo cultural de cada indivíduo o eixo central das atividades. Em essência, trata-se de uma tentativa

de dessacralização da arte, de reconhecê-las nos seus aspectos mais vitais, para se chegar à compreensão estética e simbólica de sua significação para todos os homens.

1994 foi o último ano do governo de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro, e conseqüentemente, suas propostas e planos para o Estado encerraram-se também. Infelizmente, nenhum plano de governo até hoje, em todo o país, deu continuidade aos CIEPs, grande projeto visionário para uma educação padronizada, a fim de proporcionar uma igualdade educacional.

Entre 1999 e 2002, a Secretaria Municipal de Educação contabilizou 356 CIEPs, e as outras unidades restantes foram municipalizadas, 101 delas só no município do Rio de Janeiro, tendo, assim, uma parte das escolas com a gestão municipal e outra parte com uma gestão estadual (CAVALIERE, COELHO, 2003, pág. 148). Lamentavelmente, essas escolas se tornaram instituições descaracterizadas de sua própria identidade, abandonadas de incentivo e de recursos. Hoje, por uma perspectiva popular e pejorativa, os “Brizolões” são escolas de aspecto marginalizado, por estarem normalmente localizadas em lugares com uma precária situação social. Em muitos casos, impróprios até por uma questão de segurança, escasso de quase todos os recursos oferecidos inicialmente pelo projeto, por não haver o necessário investimento financeiro e político para estas escolas. Até mesmo a falta de professores está presente entre as problemáticas que cercam hoje as unidades dos CIEPs, devido a questões burocráticas de contratação dos municípios e do Estado.

Embora o sistema de ensino integral também tenha sido abandonado em algumas unidades dos CIEPs, assim como em muitas instituições de ensino público, elas contam com a participação de profissionais da educação empenhados por uma luta constante para tentar resgatar, mesmo que o mínimo, do que o projeto oferecia inicialmente. Ainda que com a falta de recursos físicos e assistenciais, diversos educadores criam propostas e atividades diferenciadas para uma tentativa de resgate do espaço e da sua metodologia de ensino, visto que muitas das unidades foram abandonadas, tornando o espaço físico inutilizável, propício até mesmo para criminalização. Mesmo que a municipalização de algumas unidades dos CIEPs tenha sido uma possível solução para acabar de vez com as escolas, ainda assim apresenta-se, talvez, como um problema. Embora a política do sistema educacional público seja uma só para o estado (Rio de Janeiro), cada gestão municipal terá maneiras “próprias” de conduzir as instituições, suas formas de gestão, seus financiamentos e investimentos.

Não há ainda uma previsão ou um plano de resgate para este projeto educacional. Pouco é discutido, nas mídias principalmente, o valor do resgate e a proporção que

poderíamos ter na educação pública do país, mesmo iniciando aos poucos em um único estado. Razões completamente políticas são conduzidas a questionamento sobre este problema, cuja complexidades temos ciência, para retomar um projeto de ampla proporção e estrutura. Está claro que há diversos fatores e dificuldades a serem repensados pra reelaborar a implementação de um plano educacional deste nível. Mas, ainda assim, a maneira como dar continuidade a um projeto pertencente a outro partido político e o desinteresse em um grande investimento financeiro para a educação são questões que falam mais alto, a meu ver.

2.3 ANIMADORES CULTURAIIS

A Animação Cultural nasce na história com influências de processos oposicionistas ao Regime Civil-Militar na década de 80 (pois se tratava de um movimento democrático de livre expressão artística e cultural) (FRIGOTTO, 2001, SILVA, 2008, pág. 4). Ela ganha espaço com Darcy Ribeiro e a professora e musicista Cecília Conde (que mais tarde atuaria também como animadora cultural), e atuou no projeto dos CIEPs e também na Secretaria de Cultura e Educação do Rio de Janeiro. Influenciado por um movimento europeu ocorrido na França, onde pessoas organizavam eventos culturais e artísticos nas comunidades, Darcy preocupou-se em tornar a educação uma cultura que dialogasse mais com a realidade brasileira, como parceiras e aliadas no ensino; romper com a distância entre o espaço escolar e seu entorno, abrir novos horizontes e possibilidades interativas com os alunos e a diversidade cultural que os cerca (CAVALCANTE, 2008, pág. 71). A proposta da animação cultural nos CIEPs era democratizar a educação em um processo de dinâmica com a comunidade, integrando a diversidade cultural em seu desenvolvimento, criando igualdade e acesso para descentralizar visões elitistas das classes dominantes, assim, combatendo a desigualdade social no espaço escolar. Com esta proposta, os CIEPs tentam resgatar o papel político, social e cultural da escola como instituição, torná-la participativa e promotora das ações e atividades para além das salas de aula (RIBEIRO, 1986, pág. 133).

Consequentemente, para esse trabalho tão crucial, haveria necessidade de profissionais qualificados e com um perfil próprio para desenvolver essas ações e atividades. Já no início dos anos 90, diversos artistas e profissionais de várias áreas compatíveis foram selecionados em um processo para atuar então como animadores culturais nos CIEPs. Seriam os responsáveis pelo desenvolvimento da animação cultural, esta nova concepção para unir educação e cultura no ensino. O papel do animador cultural teria muito mais importância do que simplesmente desenvolver e executar atividades artísticas e recreativas. Eles seriam os responsáveis por tornar a prática escolar mais democraticamente social, cultural e política, identificando em práticas e saberes diários o valor social e cultural da escola para com a comunidade e vice-versa (CONDE, 1995, pág. 92).

” Educar para o trabalho junto ao povo, educar para repensar a tradição cultural, educar para criar novos valores de solidariedade e liberdade. Só uma cultura, independente de sua orientação estética, mediada pelas formas erudita e popular será capaz de superar as barreiras promovidas pela divisão social. Ao mesmo tempo, será a interseção entre o erudito e

o popular que nos permitirá alcançar a criação cultural “individualizada”, pois através desta confluência se possibilitará a transcendência de uma formação cultural passiva, para o modo ativo e autônomo de produzir cultura.” (CHAGAS, 2012, pág. 96)

De acordo com o Regimento Interno dos Centros Integrados de Ensino Público, capítulo X, artigo 60 (www.pdt.org.br), estes profissionais, produtores da cultura, são os responsáveis pela concretização da cultura no espaço escolar. Em cada unidade dos CIEPs, eram selecionados três Animadores Culturais, para atender a demanda de alunos e a carga horária de trabalho, já que o ensino se dava de maneira integral. Haveria primeiramente um preparo estruturado em treinamentos teóricos e práticos para orientar esses profissionais e capacitá-los a exercer suas funções. Extraído do Documento (II PEE) por Cecília Conde, juntamente com sua equipe (1995), abaixo está modelo dos objetivos e conteúdo e do treinamento para os animadores culturais:

Treinamento Inicial

- A integração entre educação/saúde/cultura.
- As linguagens da arte/cultura/mídia e comunicação.
- O objeto maior de treinamento é dar independência aos Animadores Culturais, preparando-os para serem gestores do seu crescimento intelectual, artístico e cultural.

Treinamento Continuado

Módulo Teórico

- Patrimônio arquitetônico da Região.
- Teatro na escola.
- Percepção na música – relação corpo/espaço/tempo.
- Teatro do Oprimido.

Módulo Prático

- Técnicas de integração de grupo.
- Oficina de argila e fábrica de tinta de barro.
- Expressão corporal.

- Origami.
- Fechamento do 1º semestre com 3 seminários.

Módulo Teórico 2

- Mídia e Cultura.
- Arte e Cultura.
- Cultura afro – brasileira.
- Linguagem teatral.

Módulo Prático 2

- Levantamento cultural da comunidade.
- Arrastão cultural.
- Oficinas práticas organizadas pelos Animadores.
- Seminário final de avaliação.

Treinamento de Diretores sobre Animação Cultural

- O conceito antropológico da Cultura.
- Arte, Cultura e Educação.
- A participação dos conceitos da linguagem da arte na construção do conhecimento.
- O trabalho da Animação Cultural, sua participação e enriquecimento na ação pedagógica; sua ação com a comunidade e a transformação do CIEP/CAIC em espaço cultural comunitário.
- Apresentações de experiências significativas da Animação Cultural já desenvolvidas em CIEPs, buscando dar maior clareza a esta nova proposta de trabalho.
- Ação cultural através de oficinas.

Treinamento de Professores – Orientadores sobre Animação Cultural

- O conceito antropológico da cultura.

- O trabalho do Animador Cultural nas turmas privilegiando o enriquecimento dos conteúdos trabalhados pelo professor.
- A cultura como mediadora das relações interpessoais entre o saber cultural da comunidade e a norma culta da escola.
- A exemplaridade da construção das linguagens de arte e suas semelhanças com o método construtivista do conhecimento.
- Relato de experiências.

O papel e a função do Animador Cultural, inicialmente pensado para os CIEPs, era claramente um trabalho voltado para as comunidades, normalmente de baixa renda, nas quais a instituição estava localizada. Ele seria um canalizador cultural entre escola e comunidade (CAVALCANTE, 2008, pág. 74), abrindo espaço para a valorização e fruição de uma cultura popular oriunda das comunidades submetidas a um conceito elitizado, inclinado ao erudito das massas elitizadas da sociedade.

Por ser uma proposta especialmente pensada para o projeto dos CIEPs, criação do Governo Brizola, o cargo de Animador Cultural não era regulamentado e oficializado em âmbito constitucional dentro do sistema educacional do país. Não houve um processo de seleção ao cargo, como normalmente se dá em forma de Concurso, para professores da Rede Pública de Ensino. A profissão, exatamente com o modelo de escola, era recente e inovadora. Após o final do mandato de Governo Brizola, a Animação Cultural declinou junto com a proposta educativa dos Centros Integrados de Ensino Público, por ser o cargo de origem partidária, muitos profissionais perderam sua função como Animadores, ou foram “migrados” para outras instituições públicas, sem ter espaço e apoio para exercer a real proposta da Animação Cultural. A profissão acabou, tornando-se vista, por parte de alguns, como tendo a função de desenvolver atividades para mero entretenimento, em horários vagos, durante o período escolar. Hoje, pouco se encontram Animadores Culturais como parte de um processo educativo nas redes públicas de ensino, e, nas instituições privadas, muito menos.

Os profissionais da Animação Cultural não são contemplados com todos os benefícios que profissionais da rede pública possuem direito; apenas um auxílio – alimentação, conquistado somente no ano de 2013. Isso se deve ao fato de nunca ter havido concurso seletivo para esses profissionais, o que acabou resultando na criação de um processo

judiciário mediante de fato (www.extra.globo.com, 19/05/2013). Devido a fatores como baixos salários e má gestão pública, de 1.500 profissionais que exerciam seu trabalho após a regulamentação da profissão pelo Estado, foi reduzido para 500 o número de Animadores Culturais. Até mesmo um plano de aposentadoria não há para esses profissionais que há mais de 15 anos exercem suas funções sem os devidos direitos trabalhistas (Alerj Notícias. www.alerj.rj.org.br, 20/08/2008), em depoimentos para o site de notícias da Alerj:

“Procurei o INSS para tentar conseguir a minha aposentadoria e fui informada de que não houve nenhum repasse dos impostos descontados dos nossos contracheques pela secretaria. Toda vez que procuro atendimento médico me encaminham para o Sistema Único de Saúde (SUS)” (LUMUMBA, Alerj Notícias, www.alerj.rj.gov.br, 20/08/2008).

“Estamos em negociação com o Governo do estado há mais de uma década, sempre voltando ao ponto de partida. Nossa atividade é mais do que reconhecida, mas não é valorizada pelo Executivo. Não aguentamos mais esperar por uma solução que nunca vem. Precisamos de uma regulamentação da nossa profissão dentro da Seeduc.” (FONSECA, Alerj Notícias, www.alerj.rj.gov.br, 20/08/2008)

Felizmente, ainda encontramos em algumas escolas da Rede Estadual, mesmo sendo poucos, Animadores Culturais desenvolvendo trabalhos culturais e artísticos com teatro, música ou dança, que permanecem na luta pelo resgate e reconhecimento desta profissão mediante a educação. Janaína Benisário é Animadora Cultural há 22 anos, exercendo atualmente sua profissão em uma escola estadual no bairro Trindade, município de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Em uma longa e proveitosa conversa para este Trabalho, ela expressa toda sua paixão em trabalhar com a Animação Cultural, e também levanta questões e problemas relacionados à luta destes profissionais atualmente. Janaína inicia reforçando a visão educacional/cultural de Darcy Ribeiro em justificativa para o surgimento dos Animadores Culturais pensados para os CIEPs. Ela explica que inicialmente, estes profissionais eram artistas de diversas áreas específicas que a partir do interesse em atuar nos CIEPs, puderam ter a oportunidade de se especializar através de cursos de capacitação oferecidos pelo próprio Estado. Ela em particular, atua com artes plásticas, porém, não se limita apenas a esta área. Pelo grande amor à profissão, Janaína compartilha que tem prazer em desenvolver e organizar atividades culturais de todos os tipos. Além de

possuir um carisma peculiar, ela exerce um trabalho de mobilização de toda a escola, e assim, tem a oportunidade de conquistar alunos e professores ainda mais para ampliar e enriquecer a escola com a cultura.

“Quando eu cheguei aqui, achei esta escola extremamente morta. Cheia de adolescentes, jovens, mas morta. Nós montamos uma rádio. Ainda não satisfeita, fizemos uma festa folclórica a semana inteira. Cada dia fazíamos uma coisa diferente. Reuni todos os professores e propus uma semana só de cultura. Cada um trabalharia com a sua área. A professora de educação física resgatou as brincadeiras antigas de roda, que possuem origem africana. O professor de sociologia organizou um sarau. O animador entrelaça, ele mobiliza a escola na área cultural.” (BELISÁRIO, 2014).

Infelizmente, ao longo dos anos, pela falta de reconhecimento e incentivo da profissão, principalmente a queda do salário e outros benefícios que se perderam, muitos Animadores se acomodaram em seus cargos, e perderam a essência da dinâmica e pluralidade que é o trabalho da Animação Cultural. Janaína conta que possui muitos colegas Animadores, eles são qualificados e ótimos artistas, porém, se limitam apenas a desenvolver atividades fechadas à sua formação, ou ainda, encontram-se estagnados e desmotivados. Alguns abandonaram a Animação Cultural, e estão exercendo outras funções pedagógicas, por não terem esperanças em uma mudança e melhoras para estes profissionais.

“Antigamente, tudo o que se envolvia cultura era o Animador Cultural que participava e que fazia o elo com a escola, com a direção. Hoje em dia não. O Animador se limita pela falta de motivação e apoio.” (BELISÁRIO, 2014).

Janaína tem o privilégio de ser apoiada por toda a direção de sua escola, inclusive professores e alunos. Ela tem abertura e confiança para desenvolver suas atividades. Porém, em muitas escolas estaduais que ainda possuem animadores, não há o devido reconhecimento para o profissional e nem o interesse da própria direção em seu trabalho. Ela compartilha que está em constante aprendizado. Sempre que pode procura estudar e se atualizar sobre tudo, destacando ser uma vontade em particular, porém, uma reação da grande diversidade e riqueza que esta profissão tende a oferecer. Em 1992, Janaína se tornou Animadora Cultural de um CIEP da cidade de Niterói, Rio de Janeiro. A oportunidade surgiu através de um convite feito por uma antiga professora (que lecionou para Janaína) que veio a ser diretora da

unidade. Ela sempre notou o interesse e habilidade de Janaína com a arte, por isso o convite, fruto da liberdade oferecida pelo sistema político dentro dos CIEPs, de acordo com o Governo da época.

Após protestos e atos que foram realizados afins de que houvesse uma possível solução para essa profissão, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), neste ano de 2014, aprovou o Plano de Cargos e Salários em 9% para os Animadores Culturais (www.luizpaulo.com.br, 03/07/2014). Felizmente, os Animadores Culturais ganharam da Alerj a aprovação da emenda constitucional (PEC) 48/09, criada pelos deputados Marcelo Freixo (PSol) e Gilberto Palmares (PT), que inclui a Animação Cultural entre os princípios segundo os quais o ensino se baseará no Estado, beneficiando 486 Animadores. Após ser promulgada a emenda, todos os candidatos que atuarem como Animadores Culturais precisarão passar pelo processo de concurso seletivo (Alerj Notícias. www.alerj.rj.gov.br, 12/05/2010), embora ainda não haja uma previsão para a proposta entrar em vigor. Através da aprovação e execução de um processo público seletivo para Animação Cultural, seria o passo inicial para enfim, o merecido reconhecimento e prestígio para a profissão. Além de possibilitar e abrir espaço para novos profissionais que desejam tornarem-se Animadores Culturais, movimentando e atualizando o espaço escolar com novas ideias e trabalhos.

3. EDUCADORES E AÇÕES CULTURAIS

Em uma entrevista para o jornal O Globo (Educação 360, 17/08/2014), o filósofo e sociólogo francês, Edgar Morin, comenta sobre a forma reducionista de ensino transmitida pelos educadores, que separam os conhecimentos artificialmente através das disciplinas. Os educadores têm-se adequado cada vez mais a um padrão metodológico de ensino, onde se limitam a uma transmissão de conhecimento, impossibilitando uma interação multidisciplinar. Com isso, também impedindo ou dificultando o fluxo de compreensão, possibilidade e estímulo da criatividade do aluno. Edgar Morin afirma ainda que os professores precisam sair de suas disciplinas para dialogar com outros campos de conhecimento.

Abrir e possibilitar novos mecanismos de ensino para o espaço escolar proporcionam criatividade e uma melhor compreensão de conteúdo para os alunos, possibilitando melhores desempenhos e aprendizados. Assim como os professores, suas disciplinas ensinadas também necessitam de uma interação múltipla com as outras, para uma melhor fruição e interação no ensino escolar.

Analisando os estudos do pensador Michael Foucault, muitas observações e constatações podem ser tecidas sobre o contexto do espaço escolar e suas demandas. O poder e a influência da educação nas escolas são notórios, e para Foucault o ensino pode ser a salvação, mas também pode ser nocivo.

Na obra “Vigiar e Punir” (1975), Foucault levanta muitas observações e questões que permeiam o cotidiano escolar, buscando entendê-las como um conjunto de relações que pertencem às esferas sociais. Foucault apresenta uma ideia de que o poder é relacional e a ação de uns sobre os outros se dá nas relações; isto pode ser positivo, quando necessário, e contém uma função social. Deve ser justamente assim, uma via de mão dupla na sala de aula e fora também. É em meio a essas relações entre professor/educador e aluno que se pode chegar à troca de saberes, aprendizados, proporcionando relações melhores entre um e outro.

O poder em meio a todas as sociedades está ligado ao corpo, segundo Foucault, estudando os mecanismos da disciplina como poder exercido sobre os corpos (p. 117). Ele traz a noção de docilidade, um corpo dócil que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado em função de um poder. Na escola, há uma série de proibições e padrões de comportamentos repressivos a serem respeitados e utilizados, onde o aluno precisa ser “moldado” aos padrões referentes à instituição em que se situa. O espaço escolar é o primeiro lugar onde a criança é inserida mediante um convívio social e precisa ser um espaço onde o

aluno possa se autoconhecer e encontrar sua própria identidade. Na revista da série de documentários *Educação.Doc*, que relata diversos artigos e entrevistas sobre a educação pública de qualidade, pode-se destacar o exemplo da professora Marly Lemos Cardoso, do Ginásio Experimental Carioca Eptácio Pessoa, no Andaraí, Rio de Janeiro. Ela conta que a instituição escolar em que trabalha estava falida, mas foi restituída graças a três pilares usados como base: respeitar, estudar e ser feliz. Marly instituiu a obrigatoriedade do uso de uniforme na escola de Andaraí. Mesmo não aprovando a ideia, os alunos obedeceram, porém, reuniram-se para discutir sobre a medida estabelecida, o que resultou em ganho de espaço dos alunos nas reuniões, quando estes levaram seus argumentos ou suas ideias. Mediante ao ato, alcançaram argumentos contrários à nova ideia do uniforme, a direção do colégio abriu espaço em reuniões, para os alunos levarem seus pontos de vistas. Por fim, Marly cedeu aos argumentos dos alunos e suspendeu o uso do uniforme. O autoritarismo não ganha espaço no modo de agir de lideranças como estas, e o tendo o diálogo como base para lidar com situações diversas. “Eles pesquisaram o assunto, foram mais longe do que eu. Isso é cidadania, é protagonismo juvenil, é o que prepara para o mundo.” (Diz Marly).

A escola precisa ser a iniciadora dessa troca e do conhecimento da cidadania, diversidade e pluralidade cultural e social de cada um, preparando e conscientizando melhor o aluno para sua própria sociedade. Novos conceitos de aprendizagem hoje envolvem emoções, sentimentos e consciência, abrangem o método, o estudo e a organização do trabalho, incluindo a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, a inteligência e também a intuição, conforme afirma o autor António Nóvoa em “Professores Imagem do Futuro” (pág. 61). A escola deve e precisa ser responsável pelo preparo da formação de cidadãos ativos e conscientes de sua própria história, cultura, de seus direitos, e dos outros também.

3.1 IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS E AÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO ESCOLAR

A inserção de práticas culturais no espaço escolar coloca-se como um apoio e suporte para esta ideia multidisciplinar e criativa de ensino, que possibilita suprir estas carências no ensino mencionadas, ainda com o principal objetivo de tornar o espaço escolar um espaço de circulação, fruição e produção da diversidade cultural, tornando-se um local potente e crucial para uma vivência e troca sociocultural dos alunos. Através de inúmeras práticas e atividades culturais, há uma busca por ações resultantes de auxílio, afim de proporcionar uma base melhor para a educação e a formação, não somente baseada em ações e atividades apenas transmissivas, mas permitindo ao aluno a oportunidade de expressar sua identidade dentro de seus contextos sociais e culturais, assim, contribuindo e enriquecendo a instância escolar.

Levar o apoio da diversidade cultural e, com isso, a interatividade para a sala de aula e vivenciá-la em cada momento do aprendizado constituem o desafio para esta época. Cabe ao professor compreender mais um novo papel, o de encarar este desafio, criando, junto com os alunos e com a comunidade, uma nova escola, em que a participação em sala de aula, ou fora dela, signifique não mais realizar a comunicação como emissão-recepção, mas como interação.

Pensando em interatividade e emissão-recepção para um diálogo igual e equivalente entre educador, espaço escolar e o aluno, é preciso entender e refletir sobre todo o contexto sociocultural no entorno escolar e refletir sobre ele. A cultura e suas diversidades são a base para se entender e lidar socialmente, aprender e reconhecer sobre as necessidades e comportamentos do indivíduo. Criar e desenvolver práticas de conhecimento e ensino sobre a diversidade cultural, traz para dentro do espaço escolar o ganho de uma melhor relação e um convívio social capaz de abrir e permitir a fruição da troca de saberes, capacitando e desenvolvendo sensibilidade e criatividade através da compreensão sobre sua própria cultura e a do outro.

Atualmente, algumas escolas possuem uma estrutura para o desenvolvimento cultural dentro de suas instituições e investem nelas. Diversos espaços escolares hoje já possuem a oportunidade de tais práticas, como, por exemplo, o Projeto Mais Cultura nas Escolas, programa de parceria com o Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo possibilitar a artistas e iniciativas culturais a elaboração de projetos em parceria com escolas públicas, em todo o país, dialogando com suas propostas pedagógicas. Porém, projetos como estes, além de nem todas as instituições públicas serem

contempladas com esta grande oportunidade, não são vitalícios ou de longa duração. Seria maravilhoso e de grande avanço para a educação se todas as instituições escolares agregassem esta visão e entendimento sobre a dimensão e a riqueza que ações culturais como as desse projeto proporcionam.

Consequentemente, pedagogos estão assumindo esta função nas instituições públicas e privadas, onde se encontram diante de mais um desafio: difundir tal questão para os estudantes. Cabe ao educador reconhecer em si mesmo o importante papel de transmissor, e também receptor, do compartilhamento e desenvolvimento da interação cultural com os alunos dentro do espaço escolar. Muitos educadores se fecham a este padrão hierárquico, impedindo a troca com o aluno. É na experiência, na reflexão e na troca que a educação e a mediação são construídas cotidianamente. O educador precisa ser um agente conhecedor de seus alunos e entender seus contextos socioculturais para uma relação melhor, permitindo uma base mais eficaz para o aprendizado. O compromisso social do professor, definido por António Nóvoa (pág. 31) é que:

“...todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do ethos profissional docente.”

Há inúmeras possibilidades e métodos a serem usados pelos educadores para que conquistem e alcancem um bom relacionamento de troca com o aluno, ganhem espaço entre eles, confiança, respeito, disciplina e até mesmo admiração, que proporcionam um melhor desempenho e rendimento nas aulas, para o aprendizado dos alunos e também para estimular o nobre trabalho do professor. Práticas e metodologias pedagógicas e psicológicas já têm sido aplicadas durante muito tempo no espaço escolar, tendo, em alguns casos, um bom retorno ou um retorno dentro do padrão já esperado de um modelo de ensino rotineiro já conhecido pelo sistema social e político. Desenvolver e estimular práticas culturais no ambiente escolar é mais um grande método e uma oportunidade para alcançar, ganhar e conseguir atrair os alunos em todos os contextos. Não se trata apenas de atividades de entretenimento ou puro lazer, que muitos educadores se recusam a aceitar constantemente nas escolas, pois acreditam que podem causar distração e atraso no rendimento e no programa escolar ou até mesmo impedi-los. Pensar em uma gestão cultural para o espaço escolar é possibilitar muito mais além de

passeios, feiras, eventos e quaisquer outras atividades extras ou apenas artísticas, como muitos desconhecedores desta área pensam. É abrir e ampliar visões e ações para os alunos do que é a cultura, que gera e move qualquer espaço social, capacitando-os a aprender e compreender não somente uma ideia de cultura mundial, mas principalmente sua própria cultura, estimulando a conscientização sobre seus próprios contextos histórico-sociais, dentro da realidade em que eles vivem e da qual participam.

“Na medida em que se ensina os primeiros passos oficiais para valorizar o trabalho do professor, aumentar em uma ou duas horas a permanência dos estudantes na escola, melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem e diversificar a ação educativa, a comunidade escolar encontrará sentido para descobrir-se centro cultural, lugar de encontro das práticas do bairro, cujos estudantes são sua representação e cuja leitura do mundo não pode resumir-se aos livros didáticos ou à informação da mídia, não porque sejam ruins, mas porque lhes falta a densidade da vida concreta do espaço em que se encrava a escola, bem como porque são unidades de discurso que só ganham vida associados a outros discursos sociais.” (ALVES, Luís Roberto, 1997, pág.30)

Além de proporcionar a riqueza conceitual da cultura dentro do espaço escolar, a partir das práticas e ações culturais, se ganham-se variadas opções e propostas para mobilizar e movimentar a instituição de forma benéfica para o aprendizado, a interação e o crescimento, não somente dos alunos, mas também de seus educadores e funcionários. Toda criança, em uma determinada fase de sua infância, cria uma aversão ao espaço escolar, reprimindo a vontade de aprender, de estudar, de estar presente em sala de aula. Muitas vezes esta problemática se dá pela falta de interação e dinâmica da metodologia de ensino oferecida pelas instituições e também pelos educadores. Estamos presenciando uma nova geração, nascida em meio ao fenômeno tecnológico, com o constante desenvolvimento do mundo. Dificilmente se consegue prender a atenção de crianças e jovens em sala de aula apenas com métodos e padrões antigos e hierárquicos, onde só o professor tem voz e domínio, e os alunos são reprimidos por sua autoridade ditatorial, em certos casos. É preciso pensar e reformular novas estratégias e métodos de ensino dinâmico para alcançarmos o grande potencial que esta nova geração de alunos tem apresentado, proporcionando inclusive melhor interação e convívio entre eles e professores. É necessária a compreensão de que atividades culturais não podem limitar-se apenas a oferecer aulas de dança, realizar uma feira anualmente, expor os trabalhos feitos nas aulas de Educação Artística, ou visitar uma exposição de arte em evidência.

Um bom ponto de partida, por exemplo, é, antes de se entender a cultura externa, aprender a interna, conhecer o que a própria comunidade pertencente à escola tem para oferecer, entender sua própria cultura, conscientizar os alunos a respeito disso, criar e explorar atividades que possam desenvolvê-los para serem conhecedores e dominadores de suas próprias origens. Tentar dominar ações em que todo o conteúdo das salas de aula possa ser usado com interação, possibilitando uma interdisciplinaridade nas possíveis atividades a serem pensadas, facilitando métodos de ensino e de aprendizagem para os alunos. Incentivar mais a própria valorização da cultura nacional, que é tão rica e diversificada que podem ser encontradas grandes maneiras e possibilidades de contribuir com o ensino no espaço escolar. Nem tudo é ação cultural. A política, por exemplo, não é uma ação cultural. A alfabetização não é necessariamente uma ação cultural necessariamente (COELHO, 2001, pág. 33). Porém, determinadas ações culturais podem ser usadas também como estratégias de ações de apoio e reforço para determinados mecanismos e sistemas, no caso, o de ensino nas escolas, objeto de discussão neste trabalho. O processo de alfabetização citado acima por Teixeira Coelho não é uma ação cultural, mas, se, por exemplo, forem inseridas atividades com músicas, teatro, audiovisual, que são vertentes de cunho artístico, pode proporcionar mais dinâmica, facilidade e interatividade para ao aprendizado nesta etapa tão importante para a educação infantil.

Tornar um espaço público onde fica a escola um ambiente atrativo, lúdico, de criação e aprendizagem para os alunos é possibilitar a facilidade para uma nova geração que estará mais bem preparada para compreender, a partir do entendimento de sua própria cultura, a amplitude de questões sociais, históricas e políticas que transformam o mundo.

3.2 DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS CULTURAIS POR PROFESSORES

Além da missão de ensinar, educadores tentam assumir também o papel de desenvolver trabalhos de interação e atividades culturais nas escolas. Professores que, diante do espaço social que é a escola, reconhecem a potência de práticas culturais, ainda que sejam poucas, se esforçam para fazer do espaço escolar um espaço ainda mais amplo e propício a novos saberes e experiências para os alunos. Educadores que já têm certo tempo de profissão claramente adquirem a capacidade de desenvolver certas atividades que poderão atender as demandas, dentro do contexto escolar e institucional dos alunos, e, conseqüentemente, o próprio professor também enriquece suas experiências e se capacita ainda mais para tal desafio. É gratificante saber que muitos desses profissionais se doam e compreendem a importância para mais este trabalho, apesar de se tornar mais um desafio juntamente com o de lecionar, em face dos novos tempos, tem-se tornado cada vez mais difícil e complexo exercer a função de educador, num sistema social e político em que essa profissão não é devidamente reconhecida e valorizada.

“A história da categoria professor é a do mediador cultural e ele não a desautoriza, mas na prática não encontra instrumentos estimuladores da nova qualidade do seu trabalho. [...] Ora, a nova qualidade do ato pedagógico somente será possível com as ampliações das referências culturais, com a diminuição dos preconceitos de classe, origem e função social no espaço que deveria curtir a cultura (que é a escola) e com a apreciação franca da diversidade linguístico-cultural pelos educandos-educadores, ou pelo processo que denominamos *ensinagem*, onde todos aprendem e ensinam.” (ALVES, Luís Roberto, 1997, pág.30).

Professores, juntamente com o apoio da coordenação e da direção escolar, tornam-se agentes e mediadores culturais, uma vez que eles que elaboram, organizam e desenvolvem atividades culturais dentro e fora das salas de aula. Pesquisam lugares com exposições, museus, centros culturais, casas históricas, feiras, eventos, diversos espaços voltados para contribuir com experiências e aprendizados sociais, culturais, históricos ou políticos. Fazem contato com pessoas responsáveis por esses lugares, conseguem condução para levar os alunos, organizam o conteúdo a ser explorado a partir destas atividades, produzem feiras internas na escola, festivais com a temática educativa ou simplesmente para entretenimento e

lazer como forma de interação entre os alunos e funcionários da instituição. Conversando com as duas funcionárias responsáveis do Setor Educativo do Centro Cultural Justiça Federal, no Rio de Janeiro, compartilham o rico trabalho que desenvolvem com inúmeras escolas que visitam o prédio histórico e participam de visitas orientadas, mediações culturais e atividades educativas, que são realizadas por elas mesmas. Elas contam que na maioria das vezes, para agendar uma visita de escola, quem faz o contato são os próprios professores, a iniciativa parte pessoalmente deles, e não da direção geral da instituição. Compartilham ainda que em muitos casos, onde um determinado professor que era o responsável pela iniciativa de levar os alunos ao Centro Cultural se aposenta, por exemplo, a escola não faz mais contato por falta de iniciativa de outros, por existir apenas um professor dedicado à proposta. Percebe-se que o educador é colocado em uma posição de mediador e responsável por proporcionar aos alunos experiências e práticas culturais, que poderia ser uma visão e ideologia geral das instituições de ensino. Nesses casos, se o determinado professor não for mais presente e não puder mais exercer seu trabalho, ninguém o fará.

Normalmente, as atividades mais vistas nas escolas e entendidas como “atividades extras” são a realização de algumas feiras, poucos passeios e visitas a museus, festas ou atividades internas em sala de aula. E ainda, muitos professores se contentam (por suas poucas, ou nenhuma experiências na área cultural) com poucas e rasas atividades, sendo algumas apenas atividades artísticas dentro da disciplina de Educação Artística.

Infelizmente, restringir-se apenas a essas poucas atividades, pode possibilitar o impedimento da essencial ideia de uma cultura ampla e diversificada dentro da escola. A problemática não está neste tipo de atividades, que, dentro de um contexto, são essenciais, mas está na superficialidade com que, muitas vezes, elas são executadas e tratadas nas instituições. Em muitos casos, elas são apenas atividades, somente atividades. Esta é a questão: não cair no erro rotineiro de apenas cumprir cargas horárias com atividades, em que não há uma reflexão, um contexto, fundamentos e produção para os alunos, com continuidade de ações que contribuem para a formação e a ampliação de conhecimentos culturais e sociais mais consolidados.

3.3 LIMITAÇÕES E DIFICULDADES DOS EDUCADORES

Mediante a formação limitada para o conhecimento e a elaboração de práticas culturais do pedagogo, infelizmente muitos se encontram desafiados diante das diversas complexidades e dificuldades para executar esta proposta cultural. Já é essencial e primordial a conscientização do educador para a importância deste tema. Porém, nesta área de formação, ainda há uma carência do assunto, natural do enfoque do curso de pedagogia, que não possui a obrigatoriedade de uma aptidão especificamente cultural. Na formação pedagógica, é necessário que haja um preparo para entender questões sociais e culturais, e o professor precisar conhecê-las para ter uma base de relacionamento com os alunos e com a sociedade com a qual o educador irá contribuir por meio do seu trabalho. Em muitos casos, ou na maioria deles, pela falta de uma pessoa responsável especificamente para planejar e desenvolver este tipo de trabalho, muito se perde na produtividade e nos resultados do aprendizado e da interação cultural e social dos alunos. Muitos educadores encontram-se até sobrecarregados ao assumirem tantas funções, tanto teóricas como físicas, com o risco de perder a chance de um bom desenvolvimento e qualidade do ensino e das atividades escolares, além de prejudicar o rendimento de trabalho do próprio professor. Não há, em muitos professores, o despertar para o interesse, pois estes não se sentem com a responsabilidade de desenvolver esse tipo de trabalho, além de não alcançarem possíveis relações da cultura com suas disciplinas ensinadas. Baseado em muitas entrevistas com educadores para esta Pesquisa, reafirma-se tais dificuldades mencionadas nas seguintes respostas:

“Existem inúmeras dificuldades, dentre elas o currículo escolar e a conhecida “falta de tempo” para realizar atividades que não fazem parte do conteúdo programático de uma disciplina. Prioriza-se o que está nas provas escolares e exames como o vestibular. No meu entender, outra dificuldade é o próprio despreparo dos educadores (professores, coordenadores, diretores).” (V.M.S., professor de instituição escolar privada, na zona sul do Rio de Janeiro.).

“Existem sim muitas dificuldades”. Dentre elas citamos: falta de recursos financeiros para a concretização de um trabalho cultural, falta de interesse da própria equipe gestora da escola em investir nesse aspecto, falta de informação e interesse por parte de muitos docentes a respeito dos benefícios que atividades culturais proporcionam aos alunos.” (E.R., professora de instituição escolar pública no município de São Gonçalo, RJ.).

“Nossos educadores acabam muitas vezes desenvolvendo projetos culturais. Porém a formação acadêmica de cada um acaba naturalmente limitando esse desenvolvimento. Um professor de biologia, por exemplo, teria dificuldades em realizar um sarau literário. Acabamos então buscando a colaboração interdisciplinar na realização de projetos. A necessidade de aplicar o conteúdo programático obrigatório limita o tempo disponível para atividades extracurriculares, bem como a falta de formação acadêmica específica. Claro que, muitas vezes, um professor experiente supera estes obstáculos por seus anos de carreira, mas alguém que adentrou a pouco no magistério terá maiores dificuldades.” (M.H.F., Diretor de instituição escolar pública no município de São Gonçalo.).

Além do desinteresse de alguns educadores em relação à importância deste assunto (o que talvez seja o problema inicial), diversos fatores colaboram para dificultar ainda mais o desenvolvimento de práticas culturais no espaço escolar. É fundamental que o professor esteja de acordo com as ideologias e metodologias de ensino da instituição onde trabalha, e vice-versa. Infelizmente, nas escolas públicas, uma das maiores dificuldades é a falta de verba e de recursos, tanto físicos como financeiros, para o ensino de uma forma geral. Já em instituições privadas, pode não ser o caso de falta de recursos, mas, em situações que, não há realmente um interesse e apoio da própria direção para mais este “trabalho”. Em uma conversa com uma professora da rede pública de ensino do estado do Rio de Janeiro, que leciona para alunos do 5º ao 8º ano de uma escola do município de Areal, em Itaboraí, Rio de Janeiro, conta suas experiências e seus desejos de realizar mais atividades e projetos socioculturais com os alunos. Quase todas as crianças são de famílias carentes, e ela conta que a maioria nunca atravessou sequer a Ponte Rio Niterói, por exemplo. Muito motivada a tentar transformar a vida de seus alunos a partir de simples experiências, ela mesma se dedicou a levá-los a conhecer a cidade do Rio de Janeiro, seus pontos turísticos e históricos, apresentar-lhes uma perspectiva de mundo, uma realidade bem próxima, mas que ainda não é conhecida por eles. Infelizmente, por falta de verba ou descaso do órgão público responsável, não foi disponibilizado um transporte para levá-los, mesmo com muitas tentativas e pedidos da escola. Ela ainda compartilha a dificuldade pela falta de um professor para lecionar Matemática. A vaga está sem ser preenchida há seis meses, e os alunos ficam dispersos durante um tempo quando poderiam estar aprendendo um conteúdo importante. Essa lacuna de horário no cronograma de aulas, segundo ela, tem atrapalhado bastante o rendimento dos alunos em suas aulas e em outras disciplinas também.

É lamentável perceber que, mesmo a mais simples das ideias e intenções de proporcionar experiências que enriquecerão e ajudarão o aprendizado dos alunos são interrompidas por estes motivos que estão presentes diariamente na realidade de muitas instituições escolares. É de pequenas atitudes e iniciativas que nascem oportunidades grandes e ricas para ajudar e melhorar a dinâmica de ensino e aprendizagem. O desempenho e o rendimento de um aluno dependem da qualidade de ensino que a instituição lhe oferece.

4. O PRODUTOR CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR

O Produtor Cultural é um profissional que tem a responsabilidade de promover mais espaço para o desenvolvimento, a fruição e a gestão de ações culturais na sociedade, não somente em áreas artísticas, mas também nas histórico-sociais. O Produtor Cultural não deve atuar e se empenhar apenas na área mercadológica, mas também precisa conscientizar-se e agir em prol do desenvolvimento e crescimento do pensamento da população para uma cultura melhor compreendida e ensinada. É importante o crescimento e circulação de equipamentos culturais que possam trazer cada vez mais aprendizado e conhecimento cultural para sua população, muito mais além do lazer e do entretenimento. Primeiramente, o essencial é que se traga conscientização para melhores relações de troca com a diversidade cultural para a sociedade. O Produtor não é somente aquele com a função de executar e administrar; muito mais do que toda a parte funcional, ele tem a oportunidade de tornar possível uma determinada ideia. Ele é o mediador entre a ideia, a pessoa e a ação. Em sua essência, ele se baseia na alteridade que o encarrega de compreender e entender a necessidade do indivíduo, da comunidade ou da instituição que irá atender, desenvolvendo assistência em trabalhos e projetos, de modo que traga benefícios socioculturais ao público participante.

“O agente cultural está no centro de um cruzamento ligando diversas figuras normalmente afastadas umas das outras: a arte, o artista, a coletividade, o indivíduo e os outros recursos econômicos (ou fontes financiadoras, como o Estado ou a iniciativa privada, que não produzem a cultura diretamente, mas detêm o poder de torná-la realidade). Isto significa que através do agente cultural a arte se porá em contato com o indivíduo ou a comunidade tanto quanto o artista penetrará na comunidade (e o inverso, de modo particular) assim como a comunidade alcançará os recursos necessários para uma certa prática cultural.” (COELHO, Teixeira, 2001, págs. 66 e 67)

4.1 IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DO PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

Como o espaço escolar é o primeiro ambiente onde a criança cria e aprende a ter relações de todos os tipos, comportamentais, sociais, culturais, políticas e religiosas, é preciso que seja um espaço bem preparado intelectualmente para a formação de futuros cidadãos da sociedade. Os profissionais atuantes na educação precisam estar bem preparados e qualificados, tanto em conteúdo como em experiência, para esta total responsabilidade, a de contribuir para a formação intelectual e cidadã das crianças e jovens nas escolas. Como já foi estudado no capítulo anterior, alguns educadores têm cada vez mais agregado tarefas e atividades dentro e fora de sala de aula, para uma metodologia mais criativa e eficaz de ensino. Porém, as limitações, o despreparo e até mesmo o desinteresse de muitos, impossibilita o desenvolvimento destas ações e atividades, que não são teoricamente responsabilidade dos professores.

Abrir espaço dentro da instituição escolar para o profissional da Produção Cultural é ganhar e somar conteúdo para o trabalho já realizado de muitos educadores, que entendem que o desenvolvimento cultural pode e deve ser base para a educação. Sua função e seu trabalho irão ampliar e possibilitar a inovação e a criação de atividades escolares que não serão apenas atividades extras, mas que irão complementar todo o conteúdo escolar já realizado, proporcionando a interação interdisciplinar de atividades e principalmente de vivência e cidadania para os alunos e funcionários. Muitas atividades culturais já têm sido praticadas em escolas, como mencionado anteriormente neste trabalho. Porém, muitas são atividades com diversas limitações, como, por exemplo, por tempo: em que não são contínuas e não fazem parte do currículo escolar das instituições, ou até mesmo por precariedade de estrutura física e financeira.

Esta proposta nos remete e traz um diálogo de aproximação à figura do Animador Cultural, estudado no primeiro capítulo deste trabalho. Não há uma intenção negativista e contrária ao perfil e trabalho desenvolvido deste profissional. Trata-se de resgatar e reconfigurar este espaço na educação que se perdeu ao longo dos anos por questões amplamente políticas, uma vez que eram cargos comissionados, vinculados ao partido político atuante no governo da época. Infelizmente, nenhum dos Governos posteriores ao início da inserção dos Animadores Culturais no ensino público se dedicou a dar continuidade ao projeto. A real proposta para o trabalho do Animador Cultural com a animação cultural foi de fato uma grande e rica tentativa de reelaborar uma visão de educação cultural. Porém,

infelizmente, a essência deste ideal se perdeu, está cada vez mais esquecida nas instituições escolares, ou até mesmo desconhecida por muitos, juntamente com o Animador Cultural. Não é comum a atuação deste profissional em instituições de ensino privado, e, em instituições públicas de ensino, poucos são encontrados exercendo sua função. O Animador Cultural era responsável pelo desenvolvimento e pela interação do espaço escolar com uma cultura enraizada das comunidades ao entorno das escolas. O Produtor Cultural tem a oportunidade de uma perspectiva de trabalho rico exercido pelos Animadores, porém, com as características de sua formação; o Produtor, além das questões conceituais, está apto também para um trabalho voltado para funções em gestão organizativas, elaborais e projetuais.

Possibilitada a inserção do profissional da Produção Cultural como parte do corpo escolar na instituição para pensar e desenvolver um trabalho de continuidade, não haveria o prejuízo de romper com atividades e ações por motivos, por exemplo, com o fim de contrato de projeto, como normalmente acontece nessas situações. Com o auxílio deste profissional da área cultural nas escolas, não haveria mais a sobrecarga de trabalho de muitos educadores e pedagogos que procuram assumir tal função. Esta proposta não exclui nem anula o direito e o espaço de qualquer educador de desenvolver também atividades culturais, pelo contrário, esta possibilidade de atuação do Produtor Cultural nas escolas vem para auxiliar, conduzir e ensinar muitos professores que já se doam a esta louvável tarefa. Um dos professores entrevistados para este trabalho, que leciona em uma instituição privada, na Zona Sul do Rio de Janeiro, confirma a afirmação acima em uma de suas respostas:

“Acho que é uma proposta fantástica! A escola se beneficiaria muito se produtores culturais fossem contratados para promover oficinas de capacitação para professores, coordenadores e diretores. Dessa forma, esses educadores poderiam se transformar em elementos multiplicadores de uma visão menos tendenciosa sobre a cultura brasileira (um universo de culturas que recebe o rótulo de cultura brasileira) e sobre culturas de outros povos.” (V.M.S.)

O ganho de mais um colaborador para estas atividades seria também administrativo e organizacional, pois a instituição estaria mais bem estruturada e organizada em suas tarefas e funções distribuídas para seus funcionários. Não haveria o acúmulo de trabalho em atividades internas e também externas, e, principalmente, reforçaria o conteúdo do ensino e atividades, que traria benefícios à própria instituição, quanto a sua comunidade pertencente, pois possibilitaria uma opção de instituição de ensino mais bem preparada. Proporcionaria,

principalmente, um destaque maior para a cultura e sua importância por parte dos próprios alunos, que são o público-alvo, pois existindo um profissional responsável diretamente para determinado conteúdo, cria-se uma compreensão de que é necessária a presença do ensino e do desenvolvimento da cultura naquele espaço e para seus estudantes. O diretor de uma instituição pública de ensino, no município de São Gonçalo, também compartilhou, nesta pesquisa, os possíveis benefícios desta proposta:

“Considero que seria um acréscimo de valor ao corpo escolar. A medida que pudesse coordenar, desenvolver e executar propostas culturais diversas o que, somado ao trabalho pedagógico dos professores, beneficiaria a toda comunidade escolar. Os benefícios seriam inúmeros, tais como: Maior número de atividades culturais, maior variedade de atividades, atividades com conteúdo programático especificamente voltado para necessidade do estudante.” (M.H.F.)

Entende-se que o ensino da língua portuguesa, por exemplo, é essencial para a educação, pois precisamos ter domínio e conhecimento da nossa própria língua e suas atribuições, como gramática, ortografia, pronúncia e outras partes. A biologia é ensinada, pois precisamos conhecer e entender sobre nosso próprio corpo, suas funções, seus sistemas, suas limitações, doenças, toda parte externa e interna do corpo humano. Cada disciplina ensinada, que faz parte da grade curricular de ensino, compõe conhecimentos que entendemos como importantes e essenciais para determinadas e variadas situações que nos servirão ao longo de nossas vidas. Com a cultura, tendo como mediador o Produtor Cultural, não seria diferente. É preciso que se alcance a importância da circulação dela no espaço de ensino, compreendendo que através dela podemos entender as relações humanas, políticas, sociais e religiosas, e a valorizar as diferenças existentes e questões complexas que compõem a sociedade e estarão sempre presentes.

4.2 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DO PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

O Produtor Cultural é formado e capacitado para exercer funções múltiplas em âmbitos de elaboração, captação, organização e realização de projetos, ações e trabalhos com temáticas amplamente culturais. Com a oportunidade de atuar no espaço escolar, proporcionará maior organização e estrutura para melhores e mais consolidadas atividades culturais para os alunos e toda a instituição. Desenvolver a produção cultural dentro de uma escola é um trabalho que não possui um padrão ou modelo específico de atividades, e é essa pluralidade e abrangência de possibilidades que o tornam muito mais interessante e instrutivo, para as relações de aprendizado dos alunos. São amplas as possibilidades de criação e aplicação de ações e atividades que poderão ser feitas e trabalhadas, de acordo, é claro, com as demandas e necessidades da instituição escolar e seus alunos, da sua estrutura e perfil. O objetivo deste capítulo no presente trabalho, não é traçar ou estipular maneiras e ações que um Produtor Cultural deve desenvolver ou agir na instituição escolar. Mas sim, introduzir e demonstrar exemplos e ideias para abrirem possibilidades ao desenvolvimento e criação do trabalho deste profissional para colaborar culturalmente com a educação.

Primeiramente, antes de qualquer ação organizacional e prática do Produtor, precisamos entender que ele atuará no comprometimento e integração com os saberes e atividades culturais entre escola, comunidade e mundo. Resgatando o desenvolvimento do trabalho dos Animadores Culturais, que tanto se comprometeram inicialmente na valorização do diálogo da cultura e da comunidade, o Produtor poderá desenvolver não somente atividades externas, mas trazer opções e possibilidades de ação para dentro da escola, proporcionando também interações com a comunidade no entorno, fazendo, assim, a instituição e seus alunos mais participativos nas questões sociais do bairro e cidade.

“Mais uma vez Cecília Conde vem ao nosso socorro e nos esclarece que os animadores culturais “seriam os transgressores da escola, seriam os atravessadores da escola, nada com o comprometimento com o ensino da Arte, e sim com a Ação Cultural”. “Os professores geralmente não são do bairro onde a escola está inserida e estimulados pela sua formação querem na maioria das vezes ensinar o que a cultura mandou.” Os animadores, ao contrário, levariam a cultura para dentro da escola e a escola para dentro da cultura, estariam dentro e fora da escola, ao mesmo tempo. Criariam caminhos antropológicos sem serem antropólogos, acima de tudo, observadores, provocadores,

articuladores e desafiadores.” (CAVALCANTE, Rudolof, 2008, págs. 73 e 74)

Quaisquer ideias ou projetos a serem realizados precisam, primeiramente, de elaboração e organização. No sistema de ensino das escolas, normalmente é realizado todo um planejamento para o ano letivo escolar: datas de reuniões, feriados, provas, festas ou eventos, calendários a serem cumpridos. Há uma grande organização pensada estrategicamente para que todo o conteúdo escolar seja executado com sucesso. É imprescindível que qualquer atividade a ser realizada na escola esteja de acordo e dialogue com o andamento e ritmo da instituição. O Produtor Cultural terá em mente e organizará seu plano de atividades em sintonia e ritmo com as demais ações da instituição. Para isso, é preciso um trabalho de extrema parceria, em conjunto com os demais professores e funcionários da escola. Primeiro um trabalho de pesquisa e captação das ideias e necessidades de cada um para depois, diante de tudo que foi coletado, realizar um trabalho que venha somar e contribuir para o ensino da escola.

Muitos recursos têm sido utilizados como apoio e mecanismos de ensino nas escolas, que facilitam e enriquecem ainda mais a forma de aprendizado. Nas aulas de História, por exemplo, muitos professores indicam ou utilizam filmes em sala de aula, com temáticas de acordo com o conteúdo ensinado. Visitas a museus e exposições também são equivalentes. Pode-se atribuir ao Produtor Cultural, em parceria com o professor da disciplina, buscar e selecionar atividades externas como estas, exposições, mostras, peças teatrais e conteúdos audiovisuais específicos, de modo que venham a contribuir para o conteúdo ensinado. Logo, caberão a ele o contato e o agendamento para estas atividades, função que muitas vezes se torna uma dificuldade para a maioria dos professores por já possuírem uma carga grande de trabalho. Já em instituições públicas de ensino, para a realização de atividades externas como estas, é preciso uma mobilidade maior. Muitos professores em conversa para este trabalho, compartilharam dificuldades em conseguir, por exemplo, transporte para a locomoção dos alunos. Muitas programações são deixadas em segundo plano por falta de tempo e estrutura para a realização. O Produtor Cultural é quem poderá, por exemplo, captar recursos e apoio para o investimento em atividades como estas, em uma instituição pública, ou qualquer uma que necessite de investimento e recursos. Continuando a exemplificar, para a realização de feiras e eventos na escola, é ele quem poderá ser responsável pela organização geral, pensar e elaborar temas, como será a estrutura para determinado evento, quem poderá providenciar as necessidades, a divulgação, o incentivo aos alunos e os demais recursos necessários.

Poderá, também, ajudar na organização de palestras e workshops para os alunos, com temas decorrentes da atualidade, contatando os palestrantes, selecionando os temas com os demais professores e coordenadores, direcionando a parte técnica e toda a organização em si. Para os educadores que já trabalham também com este perfil de atividades e para aqueles que estão iniciando na profissão ou não possuem experiência nesta área, o Produtor Cultural poderá atendê-los promovendo a realização de oficinas e palestras para a capacitação em elaboração e produção de atividades culturais para professores, pedagogos e inclusive para Animadores Culturais que também desejam aprimorar-se ainda mais e se atualizarem em sua formação.

5. CONCLUSÃO

Mediante as pesquisas e estudos realizados para a elaboração deste trabalho, foram analisados fatores que contribuem para o processo de educação nas instituições escolares. Em destaque, a presença da cultura e juntamente práticas e atividades relacionadas demonstraram-se de extrema importância para o contexto escolar e o aprendizado dos alunos. A prática e o estímulo da cultura demonstraram-se fortes aliados para a conscientização dos alunos em diversas questões sociais, comportamentais, políticas, religiosas e históricas. Como foi estudada, a cultura é o principal fator responsável pelo comportamento de um indivíduo. Por cada indivíduo se tornar fruto do meio em que vive e agir cada vez mais como foi lhe ensinado, fica evidente que o espaço escolar, onde a criança cresce e passa boa parte de sua vida, precisa ser um ambiente acolhedor, que ofereça bons conteúdos e estruturas que poderão acrescentar positivamente para o desenvolvimento do pensamento intelectual e social. Através de entrevistas e conversas com educadores e professores, constatou-se que atividades culturais tornam-se um rico apoio para dinamizar o ensino e trazer novas propostas para um melhor aprendizado, que vai além das salas de aula.

A interação da escola com a comunidade a que ela pertence faz parte do grande processo cultural a ser desenvolvido no ensino. Proporcionar aos alunos um contato maior e direto com as questões sociais e culturais do próprio ambiente em que eles vivem torna-se um fator crucial para uma boa formação cidadã, além de uma melhor compreensão cultural e histórica.

Para que este processo seja aplicado, foi estudado o perfil do Produtor Cultural e a importância de sua inserção no espaço escolar para pensar e desenvolver esta proposta. O objetivo deste trabalho é justamente este: entender e justificar a relevância do Produtor Cultural e sua potência como mediador da cultura dentro das escolas, assim como os Animadores Culturais, que deram início a esta proposta cultural na educação, mas que, infelizmente, passam por grandes problemas atualmente. Este estudo pretendeu conceber uma nova proposta de apoio para o ensino nas escolas, para o próprio Produtor Cultural e também para leigos, que veem a produção cultural como um veículo mercadológico e não compreendem que pode e deve haver produção e fruição da cultura constantemente nos espaços escolares. Com base nas pesquisas feitas com profissionais e alunos do curso de Produção Cultural, de 26 entrevistados, 20 confirmaram interesse e vontade em trabalhar com a Produção Cultural na área da educação. O desejo de atuar na educação está presente e

mostra completa compreensão da grande capacidade que tem a cultura de ser uma forte aliada para o ensino escolar. A proposta de levar o Produtor Cultural para a escola reforça-se também mediante as declarações e pesquisas feitas com educadores e professores em relação às muitas dificuldades em lidar com mais uma grande tarefa, além das que já possuem. Todos os educadores apoiaram a proposta de um profissional na escola responsável e direcionado para assuntos e atividades culturais, pois traria grandes benefícios, além de proporcionar um equilíbrio na parte organizacional da escola.

A partir de todas as análises estudadas neste trabalho, ficam evidentes as muitas possibilidades e oportunidades que as práticas culturais, mediadas e desenvolvidas por um profissional especializado para tal função, trariam em benefício da educação, para quem ensina e principalmente para quem aprende.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. São Paulo: Edições Melhoramentos, Quarta Edição, Revista e ampliada, 1964.
- BAHKTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média**.
- BOMENY, Helena. **A escola no Brasil de Darcy Ribeiro**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abril, 2009.
- CAVALCANTE, Rudolf Rotchild Costa. **Animação Cultural: Darcy Ribeiro e a “Escola Nova” para os brasileiros mais pobres**. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Agenda Social Revista do PPGPS / UENF, 2008.
- CAVALIERE, Ana Maria; COELHO, Lígia Martha. **Para onde caminham os CIEPs? Uma análise após 15 anos**. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Escola Pública de Horário Integral, UFRJ, Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 147-174, julho, 2003.
- CHAGAS, Marco Antonio Macedo das. **Animação Cultural: uma inovação pedagógica na escola pública fluminense dos anos 1980**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- COELHO NETTO, A. J. T.; COELHO T. **Usos da Cultura (Políticas de Ação Cultural)**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- COELHO NETTO, A. J. T.; COELHO T. **O Que é Ação Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ELIOT, T. S. **Notas para uma definição de Cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 1988.
- FERREIRA, Sueli. **O Ensino das Artes: Construindo Caminhos**. Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 20ª edição, 1999.
- FREIRE, Paulo - **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 5ª edição, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, Coleção Saberes, 25ª edição, 1996.
- FUSARI, M. F. de Rezende; FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Editora Cortês, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.

- GOLÇALVES, Maria Alice Rezende. **Educação e Cultura: Pensando em cidadania**. Rio de Janeiro: Edições Quartet, 1999.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1999.
- LAURENT, Fleury. **Sociologia da Cultura e das práticas Sociais**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- NÓVOA, António. **Professores: Imagem do Futuro Presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª edição, Coleção Primeiros Passos, 1989.
- SILVA, Bruno Adriano R. da. **História da Animação Cultural nos CIEPs: Uma análise socio-histórica a partir da fala dos idealizadores do Programa**. Rio de Janeiro: NEEPHI/UNIRIO, 2008.

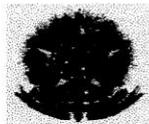
SITES

- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Mais Cultura nas Escolas**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/maisculturanasescolas>>. Acesso em: setembro, 2014.
- OLIVEIRA, Djalma. **Jornal Extra**. Animadores Culturais do Estado querem benefícios. Emprego - Servidor Público. 19 de maio, 2013. Disponível em: <<http://extra.globo.com/emprego/servidor-publico/animadores-culturais-do-estado-querem-beneficios-8429491.html>>. Acesso em: outubro, 2014.
- PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. **Os Centros Integrados de Educação Pública**. Nossas Bandeiras – Educação. Disponível em: <<http://www.pdt.org.br/index.php/nossas-bandeiras/educacao/mais-sobre-os-cieps/os-centros-integrados-de-educacao-publica>>. Acesso em: outubro, 2014.
- RIO DE JANEIRO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – Alerj. **Alerj Notícias**. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo.asp?num=35322>. Acesso em: outubro, 2014.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Você acha importante o incentivo e o desenvolvimento de práticas e atividades culturais no espaço escolar? Por quê?
2. Você acha que os educadores de hoje estão preparados, ou buscam o preparo para estas atividades?
3. Existem dificuldades por parte dos educadores para lidar com atividades culturais e desenvolvê-las? Quais são essas dificuldades?
4. Qual é a sua opinião para a proposta da inserção do Produtor Cultural no espaço escolar?
5. Quais seriam os possíveis benefícios, em sua opinião, com a criação de um coordenador cultural através do Produtor Cultural, no espaço escolar?
6. Se existe algum tipo de Animador Cultural na instituição escolar onde você trabalha, comente um pouco sobre o trabalho desenvolvido por ele e sua opinião em relação ao profissional.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 03/12/2014

Eu, **VANESSA DUARTE RAMOS**, CPF 054.742.687-93 formando(a) do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada "O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS", defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.



VANESSA DUARTE RAMOS